

**ASSOCIAÇÃO CARUARUENSE DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA (ASCES-UNITA)
BACHARELADO EM JORNALISMO**

ANA MARIA SILVA

**PRECONCEITO REGIONAL/GEOGRÁFICO:
A DISCRIMINAÇÃO PELO LUGAR DE ORIGEM MOSTRADO NA FICÇÃO E NA
VIDA REAL**

Caruaru, 2018

ANA MARIA SILVA

**PRECONCEITO REGIONAL/GEOGRÁFICO:
A DISCRIMINAÇÃO PELO LUGAR DE ORIGEM MOSTRADO NA FICÇÃO E NA
VIDA REAL**

Relatório Técnico apresentado como requisito parcial de obtenção de grau em Jornalismo, no Centro Universitário Tabosa de Almeida.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo de Paiva e Souza

Coorientador: Prof, Esp. Diogenes José Pereira Barbosa

Caruaru, 2018

DEDICATÓRIA

Este projeto simboliza o fechamento de um ciclo de quatro anos, para a obtenção do diploma em Jornalismo, quatro anos esses de muita dedicação, dificuldades e aprendizados, levados tanto ao profissional quanto ao pessoal.

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim, e aquelas que de forma direta ou indireta contribuíram para que o sonho se tornasse real.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelas bênçãos concebidas, por ter me iluminado nesse caminho cheio de dificuldades e por me dar a certeza de que daria tudo certo.

Depois aos meus pais por sempre fazerem tudo que estava a seus alcances para que tudo pudesse se tornar realidade, por sempre acreditarem, e sonharem junto comigo.

Agradeço também aos familiares e amigos mais íntimos que sempre me apoiaram e fizeram acreditar que daria tudo certo.

Por último quero agradecer ao meu orientador Paulo Ricardo, por ter aceito, junto comigo, trabalhar nesse projeto, agradecer também pela sua paciência, dedicação e ensinamentos.

RESUMO

Este relatório traz uma série de três reportagens, tendo como tema central o “preconceito regional/geográfico”, que é a discriminação pelo lugar de origem, tendo como objeto de estudo a telenovela “Malhação: pro dia nascer feliz”, os moradores do bairro do Salgado, em Caruaru, e os migrantes que vivem em Pernambuco. O objetivo do trabalho é dar voz a essas pessoas, trazendo relatos de como acontece, e como lidam diante de tais situações. O interesse em falar sobre o tema surgiu a partir da observação de como era retratado o nordestino, e o quanto a personagem, vivida pela atriz Aline Dias, era discriminada pelo fato de ser nordestina. Outras pessoas são vítimas de discriminação devido ao seu lugar de origem, neste trabalho, especificamente tratando de pessoas que moram em um bairro considerado periférico e os migrantes que residem em Pernambuco.

Palavras – chave: Discriminação Regional. Preconceito. Migrantes. Nordestinos. Centro e Periferia.

ABSTRACT

This report presents a series of three reports, focusing on the "regional/geographical prejudice", which is the discrimination by place of origin, and the object of study is the soap opera "Malhação: pro dia nascer feliz", Salgado neighborhood residents, in Caruaru, and the migrants living in Pernambuco. The purpose of the work is to give these people a voice, reporting on how it happens, and how they deal with such situations. The interest in talking about the subject arose from the observation of how Northeastern was portrayed, and how much the personage, lived by the actress Aline Dias, was discriminated by the fact of being Northeastern. Other people are victims of discrimination because of their place of origin in this work, specifically dealing with people living in a neighborhood considered peripheral and migrants residing in Pernambuco.

Keywords: Regional Discrimination. Prejudice. Migrants Brasil Northeast People. Center and Periphery.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO	12
3	RESULTADOS	15
4	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	16
5	REFERÊNCIAS	
6	APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

O projeto propõe a elaboração de uma série de três reportagens, tendo como tema principal o preconceito regional/geográfico, com os seguintes objetos temáticos; a abordagem do tema em “Malhação: para o dia nascer feliz”, migrantes, mirando que vieram morar em Pernambuco, e moradores de periferias, este último com foco no Bairro Salgado, localizado em Caruaru.

Uma série de reportagens é pauta especial apresentada em uma sequência periódica de reportagens veiculadas em meios de comunicação (jornais impressos ou televisivos, *websites* jornalísticos, etc.), tendo como objetivo tratar um assunto em particular, durante um determinado intervalo de tempo. Para Floresta e Braslauskas:

As pautas especiais exigem um investimento maior por parte da reportagem e dos veículos. É comum o jornalista trabalhar em uma pauta dessas por alguns dias ou até mesmo semanas. Pode ser uma pauta que nasce de uma ideia ou de alguma denúncia (2009; p.19).

E seguem:

As “especiais” já nascem programadas para ter um tempo maior de apuração. E essas reportagens são de vários tipos. Pode ser uma denúncia sobre a qual o repórter precisa checar e levantar dados, o que não tem prazo certo para acontecer. Ou pode ser ainda um levantamento mais direto [...] (FLORESTA; BRASLAUSKAS; 2009; p. 60, grifo dos autores).

Para este trabalho, a série de reportagem foi escolhida como suporte por possibilitar tratar o tema trazendo diferentes perspectivas do mesmo tema. No caso específico, a série de reportagem será sobre o preconceito regional/geográfico, algo que, na maioria das vezes acontece de forma subjetiva, mostrando-se, por exemplo, por meio de piadas e brincadeiras, mas também de forma objetiva, como os xingamentos. Exemplos podem ser vistos em alguns episódios da telenovela “Malhação: para o dia nascer feliz”, que trata, entre outros, deste tema. Também encontramos essa discriminação, com base na origem geográfica, quando nos confrontamos com a realidade de migrantes. Quando tais migrantes são refugiados, esse estigma parece se ampliar. Outro ambiente no qual encontramos tal

preconceito está na significação contida no olhar sobre moradores de comunidades/localidades, vistas como periféricas, em certos centros urbanos, como a população do Bairro do Salgado, em Caruaru, município do agreste pernambucano.

A população brasileira é caracterizada pela sua diversidade cultural e étnica, tendo se formado a partir de três etnias: negros, brancos e índios. Mesmo sendo um país com esta diversidade, ainda são inúmeras as formas de discriminação encontradas no Brasil. A discriminação pelo seu lugar de origem, dando espaço ao preconceito geográfico, que se mostra através da indiferença ou não aceitação de características regionais presentes no indivíduo, como o sotaque, as gírias, os costumes ou/e crenças, é uma delas.

Frases usadas no dia a dia como “todo baiano é preguiçoso” ou “todo gaúcho é gay” são frases que podem ser caracterizadas como preconceito regional. Outros exemplos que podemos citar foram os constantes ataques aos nordestinos, feitos nas mídias sociais, como o facebook e twitter, logo após a vitória de Dilma Rouseff no Nordeste. Frases como “esses nordestinos fazem trezentos filhos e depois ficam dependendo de bolsa família, por isso que a Dilma recebe tudo isso de voto” ou “a prova de que todo nordestino é vagabundo é quando entraram em pânico como o boato que o bolsa família ia acabar, escorias do caralho”, foram alguns dos exemplos das diversas frases preconceituosas ‘postadas’ naqueles ambientes virtuais.

O preconceito advém de definições ou descrições prévias, que nascem da hostilidade, da distância e do desconhecimento do outro. Nasce da não aceitação de característica presentes no indivíduo, como sotaque, gírias, costumes e crenças, dando, neste caso, espaço para o preconceito em relação ao lugar de origem.

O preconceito quanto á origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província de um Estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre, mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. (ALBUQUERQUE Júnior, 2012, p.11)

Junto com o preconceito vêm os estereótipos, que na maioria das vezes são impostos pela sociedade ou através da própria mídia, quando ela passa uma ideia ou imagem em relação a determinado assunto\personagem e começa a reforçar a mesma, fazendo com que as pessoas passem a acreditar que é verdade. Como exemplo podemos mostrar a retratação do nordestino na mídia, como sendo um povo pobre, que foge da seca e da fome e que não tem muitas oportunidades, tendo assim, que migrar para grandes centros urbanos, como é o caso da personagem Joana, interpretada por Aline Dias, da telenovela “Malhação: para o dia nascer feliz”. Durval afirma que:

O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho, este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais. (ALBUQUERQUE Júnior, 2012, p.13)

E segue:

O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala reprodutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidades presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade. (ALBUQUERQUE Júnior, 2012, p.13)

Segundo o site “Memoria Globo”, a telenovela “Malhação” estreou em 1995 e veio com a missão de falar sobre questões pertinentes ao universo jovem, como o início da vida sexual, o relacionamento com pais e amigos e as dúvidas em relação ao futuro profissional. Mas foi na sua vigésima quarta edição, intitulada de “Malhação: para o dia nascer feliz”, exibida entre 22 de agosto de 2016 e 03 de maio de 2017, que o programa teve sua atenção voltada para o tema do preconceito regional, tema este não muito visto na mídia.

A trama conta a história de Joana, interpretada pela atriz Aline Dias, jovem negra e nordestina, que sai do Ceará para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e construir laços familiares, por também estar em busca de seu pai, já que nunca o conheceu. O que não se difere muito de algumas pessoas na vida real, que migram para outras cidades em busca de melhores condições de vida.

Mas assim como na vida real, na ficção a personagem foi discriminada pelo seu lugar de origem, como mostrado em alguns episódios da telenovela. O racismo e a gravidez na adolescência também foram temas abordados na trama, estes de forma mais objetiva. Já a questão do preconceito regional/geográfico aparece de forma mais subjetiva, sendo perceptível pela forma como sua irmã paterna, Bárbara,

personagem interpretada pela atriz Bárbara França, tratava-a, com xingamentos ou apelidos maldosos.

Assim como na ficção, na vida real os migrantes, de forma geral, também sofrem preconceito pelo lugar de origem. A imigração é um fenômeno bem presente em todos os lugares e constante na história da humanidade, podendo ser agravado muitas vezes por situações de guerra, desastres ou políticas, ou mesmo como tentativa de fugir da pobreza. Um exemplo é a recente grande migração do Oriente Médio para a Europa, com refugiados de diversos países, entre eles a Síria, que migram em busca de melhores condições de vida. Alguns deles não tendo muito sucesso por causa do preconceito em relação ao seu lugar de origem.

Las migraciones son un fenómeno presente en todos los lugares de nuestro planeta y una constante en la historia de la humanidad. Actualmente son muchas las personas que por distintas causas y mediante diferentes medios tratan de alcanzar las costas de Europa, dispuestas a arriesgar sus vidas para escapar de la guerra y la pobreza, así como para trabajar y reunirse con familiares. Todos y todas buscan por mejor porvenir (MALAGA ACOGE, 2018, p. 5).¹

Os processos migratórios, que no passado já causaram grandes tensões e conflitos, além de proporcionar o aumento de preconceitos e visões pejorativas sobre alguns grupos humanos e sobre os lugares de onde vinham, parecem, atualmente, ser um dos principais motivos para as discriminações, visões distorcidas e comportamento intolerante em relação a algumas populações. No caso deste trabalho a população japonesa que migrou para a cidade de Caruaru, como é perceptível ao andarmos nas ruas da cidade.

Ainda no universo do preconceito regional, pode-se incluir o comportamento discriminatório sofrido por moradores de localidades consideradas periféricas. Isso vale para países, regiões de um mesmo país, ou bairros de uma mesma cidade. O que leva ao outro objeto temático deste trabalho: o olhar da sociedade perante os moradores de bairros considerados periféricos nas cidades. No caso da série de reportagens proposta para este trabalho, o foco será o bairro do Salgado, localizado em Caruaru, considerado por muitos como periferia. A designação de periferia, nesse caso, segundo Celso Frederico (2013, pág.240) é uma expressão que “é

¹ As migrações é um fenômeno presente em todos os lugares de nosso planeta e constante na história da humanidade. Atualmente são muitas as pessoas que por distintas causas e diante diferentes meios tratam de alcançar a costa da Europa, dispostas a arriscar suas vidas para escapar da guerra e da pobreza, assim como para trabalhar e se reunir com familiares. Todos e todas buscam por um futuro melhor. Tradução minha.

usada para designar um espaço de carência, marginalidade, violência e segregação”. O autor faz uma comparação com o conceito de gueto americano:

Eles pensam a periferia como um mundo à parte, algo similar ao gueto norte-americano, um imaginário que nunca foi utilizado antes no Brasil para pensar as periferias. (FREDERICO, 2013, pag.239)

Através da observação da telenovela “Malhação: para o dia nascer feliz”, nota-se a discriminação que a personagem de Aline Dias sofria por ser nordestina. Tal situação demonstra a importância de se tratar sobre o preconceito quanto ao lugar de origem, tema que parece ser, de certa maneira negligenciado na maioria dos debates sobre discriminação/preconceito. Esse tema, acredita-se, deveria ter reconhecida sua importância, mesmo que outras formas de preconceito como o racismo ou a homofobia apareçam de forma mais espontânea já que o preconceito pela origem além de, por si só já representar uma forte discriminação social, termina por agravar aquelas outras formas de preconceito.

A série de reportagem permitirá dar diferentes enfoques ao tema, contribuindo assim, para a discussão desse tema levando-o a sociedade. Mostrando que o preconceito não limita-se apenas ao tom da pele ou opção sexual. Diante disso, nota-se a importância e a necessidade de falar sobre tal tema. Tendo em vista que o preconceito regional/geográfico acontece diariamente de diversas formas, como foi mostrado no texto anteriormente, nos levando a analisar o seu contexto.

2 DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento do trabalho, primeiramente, foi feito o levantamento do conteúdo através de leitura de livros, artigos e textos na internet, todos voltados para o tema principal, que é o do “preconceito regional”. Parte dessa ação aconteceu antes da elaboração deste projeto, permitindo assim, no caso deste trabalho, a escolha dos três objetos temáticos que foram abordados nas reportagens: “Malhação: pro dia nascer feliz”; os migrantes; e os moradores do Bairro Salgado, localizado em Caruaru, Pernambuco.

Também foram desenvolvidas algumas perguntas que serviram para todos os entrevistados, exemplo, as perguntas elaboradas para os moradores do bairro foram as mesmas perguntas para todos os entrevistados, os migrantes foram todas as perguntas para todos os entrevistados, já para os especialistas das áreas, as perguntas foram de acordo com as especialidades de cada um. Para Paula Rocha, por exemplo, falou-se sobre o conceito de periferia, desenvolvimento urbano e etc. No caso de Mariana Nóbrega, as perguntas foram voltadas para os movimentos migratórios, e assim com os demais entrevistados.

Antes de se fazer as entrevistas com os senegaleses, foi preciso uma visita ao Centro Islâmico do Recife, e ao Centro Islâmico de Olinda, tendo em vista que a maioria deles segue a religião mulçumana, e a visita se deu para podermos conhecer um pouco do cotidiano deles e termos alguém como referência para poder ir abordá-los.

Foram entrevistados Senegaleses, Colombiano e Português. Para os Senegaleses não foi usada nenhuma foto, pois ambos não autorizaram, fazendo uso apenas dos seus depoimentos. A entrevista com Mustafa foi feita pessoalmente em Pesqueira, local onde mora e trabalha atualmente. Já com Diogo a entrevista foi feita por telefone, tendo em vista que não seria possível um encontro, pois o mesmo encontrava-se viajando. Com o Português e o Colombiano, as entrevistas foram feitas pessoalmente, nos seus lugares de trabalho.

Com os moradores do bairro do Salgado todas as entrevistas foram feitas pessoalmente, exceto com Joyce Eleyne, a qual foi feita via e-mail, para as

entrevistas com os moradores precisou-se ir algumas vezes ao bairro tanto para as entrevistas quanto para as fotos.

Os materiais usados para a entrevista foram as autorizações de uso de imagem e voz, gravador de voz, câmera fotografia, caneta e bloco de notas. Vale ressaltar que nenhuma das conversas foram gravadas sem que os entrevistados soubessem, e a decupagem aconteceu de forma igual ao que foi dito.

Em relação a telenovela “Malhação”, de onde partiu a ideia de se falar sobre tal tema, foi preciso se fazer leituras em livros, artigos e até no próprio site do Globo para saber um pouco mais tanto do preconceito regional/geográfico, também conhecido como Xenofobia, quanto para conhecer um pouco da novela, da sua história, do que se trata e quais os temas trazidos na edição trabalhada. Depois foi separado alguns episódios da telenovela, para um especialista em análise do discurso pudesse vê-los e discorrer sobre o conteúdo visto nas cenas.

Para a diagramação pensou-se em algo mais leve, uma diagramação que deixe o leitor mais à vontade para ler, para o corpo do texto foi usada a letra Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5 e espaçamento entre as colunas varia de acordo com a disposição das matérias, já para os títulos foram usadas as fontes BankGothic Ltbt, o tamanho de 53,21, a outra fonte foi a Open Sans e a Bambi Bold. As cores usadas foram o preto e o amarelo, o preto foi escolhido porque simboliza, além de respeito, morte, isolamento, medo e solidão, e a cor amarela transmite calor, ilumina e descontraí, mas também pode excitar a ansiedade e a preocupação.

Para a impressão do produto, já que será uma revista no formato impresso, a mesma será impressa em papel couchê, no tamanho em A4, tendo nas margens superior, inferior, esquerda e direita o espaçamento igual a 2 centímetros.

O desenho usado é uma representação dos Senegaleses que foram entrevistados, tendo em vista que os mesmos não me autorizaram a usar suas fotos. Ambos trabalhavam como comerciante, daí surge a ideia de desenhar um homem que trabalhe no comércio, e a questão de no desenho a pessoa não ter o rosto é proposital, querendo manter o anonimato da pessoa. As fotos usadas foram tiradas por mim, e trouxe um aspecto de cada reportagem, não foi possível trazer imagens de todos os personagens, pois alguns não autorizaram. Todos os entrevistados

assinaram a autorização de uso de imagem e voz, e as mesmas estão sob minha posse.

A série de reportagens foi escolhida por proporcionar falar sobre o tema em vieses diferentes, trazendo versões diferentes de como pode acontecer o preconceito regional / geográfico e como as pessoas lidam diante de tal situação, a escolha pelo produto impresso em formato de revista se deu pelo fato de poder trazer uma discussão de maneira aprofundada sobre o tema e por ser umas das áreas do jornalismo que tenho maior aptidão, a escrita.

3 RESULTADOS

O resultado final do projeto consiste em uma revista temática, de cunho jornalístico, tendo como tema central o preconceito regional / geográfico, mostrado em três modos diferentes, um é em “Malhação: pro dia nascer feliz”, a outra na visão que as pessoas têm em relação aos moradores do Bairro do Salgado, lugar considerado por muitos como uma periferia e o último é relacionado aos migrantes que vivem em Pernambuco.

Ao todo foram entrevistados doze (12) pessoas que trouxeram suas considerações sobre o tema, incluindo aí os especialistas, sendo possível assim, criar um material que mostra a realidade das pessoas estudadas através das reportagens.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente relatório tem por finalidade abordar todos os procedimentos utilizados e todas as etapas para a produção da revista “Retratos do Preconceito” como forma de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo. A partir da junção da teoria e da prática chegamos ao produto final, uma revista temática que aborda a questão do preconceito regional/geográfico, ou Xenofobia, como é mais conhecido. Sabendo que o jornalismo impresso foi o primeiro meio de informação, e que existem amantes de impressos, a revista se torna um objeto de meditação sobre o tema.

O preconceito é um tema de relevância e tem estado em alta nos últimos tempos, mas não deixa de carregar uma densidade e uma preocupação em seu contexto. Ela tem por objetivo fazer as pessoas pensarem de forma crítica, e terem uma reflexão espontânea sobre o assunto, mas de forma mais leve, já que a diagramação da revista foi pensada justamente, com esse propósito, de deixar com que a leitura flua, e que o leitor não se canse ou pare de ler na metade dos textos.

Durante o período de início e término da produção, foram passados pela fase de pré-produção, produção, pós-produção e finalização. Foram meses de dedicação até chegar a finalização da produção. Foram muitos aprendizados ao longo de todo processo, que só veio a acrescentar positivamente, me levando a conhecer outros horizontes, como por exemplo, a religião Islam, que conheci no contato com os Senegaleses.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Preconceitos; v.3)

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevistas: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

FREDERICO, Celso. Da periferia ao Centro: Cultura e Política em Tempos Pós-modernos. **Estudos Avançados**, v.27, n.79, 2013.

MALAGA ACOGE. **Tratamiento informativo de la inmigración y el refugio en la prensa de Málaga**. 2018. Disponível em: >. Acesso em 19 jan. 2018. <<http://malaga.acoge.org/wp-content/uploads/2018/01/Informe-Tratamiento-informativo-de-la-inmigracio%CC%81n-y-el-refugio-en-la-prensa-de-Ma%CC%81laga-1.pdf>

REDE GLOBO. Malhação. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malhacao/primeira-temporada/trama-principal.htm>> Acesso em: 10 mar. 2018.

Material Bruto do Produto Final

COMO SURTIU?

A partir da observação da telenovela “Malhação: pro dia nascer feliz” e de como é retratado a figura do nordestino, surge a ideia de oferecer um produto de cunho jornalístico, o qual teria como tema central o preconceito regional/geográfico, que é a discriminação pelo lugar de origem, algo que não é muito visto e debatido na mídia.

O termo “Retratos do Preconceito” foi escolhido por abranger as diferentes maneiras pelas quais a discriminação pelo lugar de origem pode ser expressa e de como as pessoas que passam por tal situação se sentem.

O projeto apresenta uma série de três reportagens, tendo como foco a telenovela “Malhação: pro dia nascer feliz”, os migrantes que vivem em Pernambuco, e os moradores do Bairro do Salgado em Caruaru, PE.

A iniciativa só deu certo graças aos esforços que foram feitos para que o projeto pudesse cumprir sua finalidade de informar, dar voz e quebrar os pré-conceitos.

Obrigada e boa leitura!

EXPEDIENTE

Centro Universitário Tabosa de Almeida

Orientador:

Paulo Ricardo de Paiva e Souza

Coorientador:

Diogenes José Pereira Barbosa

Orientanda:

Ana Maria Silva

Repórter:

Ana Maria Silva

Projeto Gráfico e diagramação:

Ana Maria Silva

Emmanuel lima dos Anjos

Fotografia:

Ana Maria Silva

Desenhos:

Everton Nascimento

Edição número 1

De agosto a dezembro de 2018

REPORTAGEM 1

A Xenofobia na ficção*A discriminação pelo lugar de origem mostrado na telenovela*

A discriminação pelo seu lugar de origem, dando espaço ao preconceito geográfico, que se mostra através da indiferença ou não aceitação de características regionais presentes no indivíduo, como o sotaque, as gírias, os costumes, as crenças, o modo como se comporta, é uma delas.

No Brasil, esse tipo de discriminação pode ser visto contra pessoas que moram em determinados bairros / locais considerados periféricos, contra migrantes e marca, especialmente, os nordestinos. Este podendo ser visto através dos estereótipos criados acerca do morador do Nordeste, que na maioria das vezes é visto e representado como aquele que foge da seca e da fome, que está apto a trabalhos braçais, ao mercado informal ou trabalho pouco valorizado no mercado. Aos nordestinos ainda são ligadas outras visões carregadas de hostilidade e desprezo, sendo eles, visto como o retirante, o migrante, o pau – de – arara, entre outros.

Como pode ser observado na telenovela “Malhação: pro dia nascer feliz”, transmitida pela Rede Globo. Joana, interpretada pela atriz Aline Dias, era negra, trabalhava como faxineira (no primeiro momento), e sofria discriminação pelo fato de ser nordestina, vinda do Ceará. Como visto nos capítulos da dramaturgia.

No capítulo 118, dos 24:30 min aos 25:10 min, além de ser perceptível a questão do racismo, também percebe-se a questão da xenofobia, quando Bárbara, irmã de Joana, o chama de retirante, além de se dirigir a ela como alguém sem credibilidade. Para a pesquisadora Gêsa Karla isso acontece pelo fato das novelas estarem no eixo Rio – São Paulo, “pelo fato de ser nordestino não passava a imagem de credibilidade. Credibilidade é isso, a maioria das vezes as novelas estão na via Rio – São Paulo, quando a gente liga a TV de manhã, vemos Ana Maria Braga falando do eixo Rio – SP, depois a gente vem para o programa de Fátima Bernardes que está quase sempre falando do eixo Rio – SP. Já no local, temos os jornais que só passa desgraça, então as coisas boas estão concentradas lá, assim como temos a ideia de que a credibilidade do exterior é maior que a do Brasil, a gente também tem essa

estratificação dentro do país. Que são noções que vão dizer que o Sudeste tem um índice de educação melhor, e que por tal motivo as pessoas são mais instruídas, obviamente passam essa maior impressão de credibilidade”.

Dando continuidade, no capítulo 119, dos 12:35 min aos 13:04 min, nota-se, novamente, a presença de conteúdo preconceituoso, assim como, dos 15:53 min aos 15:59 min, quando Bárbara o chama de “rainha da chapinha”, e diz que o brasileiro adora um pobre coitado. Para a pesquisador, em cena em si, traz a pessoa negra e nordestina como algo puramente mercadológico, como algo que sirva de mercado para ser vendido.

“Existe um movimento de inserção dessas pessoas, determinados corpos que antes estavam excluídos, mas que é uma inserção puramente mercadológica. Um exemplo, é colocar um personagem gay em uma campanha, mas a gente não vai desenvolver muito não porque a gente precisa dele na campanha só para mostrar que tem diversidade, não tem nada além disso. Malhação obviamente não escapa disso e essa cena especifica está mostrando que até dentro do sistema de representação, tem um outro programa de representação que vai mostrar uma lógica capitalista também nesse sistema maior e que vai mostrar que dentro dessa ordem tem uma defesa de interesses. Então enquanto servir a ordem lógica do capital a gente pode fazer concessões, enquanto estiver servindo. Porque se hoje o negro tem maior poder aquisitivo, já que o Brasil saiu, nos últimos trinta anos, de uma margem de pobreza que era de 27 para uns quatro pontos em 2017, quer dizer que mais pessoas negras tem um maior poder aquisitivo. Então se ela tem um maior poder aquisitivo elas vão estar mais representadas. Mas não significa que essa representação vai ser feita de uma forma que satisfaça as pessoas negras, principalmente”, afirma Gêsa.

O último exemplo usado é o episódio de número 126, dos 05:40 min aos 06:30 min, quando, novamente, a irmã de Joana o chama várias vezes de retirante.

Outros exemplos que podemos citar foram os constantes ataques aos nordestinos, feitos nas mídias sociais, como o facebook e twitter, logo após a vitória de Dilma Rousseff no Nordeste. Frases como “ esses nordestinos fazem trezentos filhos e depois ficam dependendo de bolsa família, por isso que a Dilma recebe tudo isso de voto” ou “ a prova de que todo nordestino é vagabundo é quando entraram em

pânico como o boato que o bolsa família ia acabar, escórias do caralho”, foram alguns dos exemplos das diversas frases preconceituosas ‘postadas’ naqueles ambientes virtuais.

Um exemplo mais recente, é que nos últimos dias, principalmente após o resultado das eleições presidenciais no Brasil neste ano de 2018, o nordestino foi mais uma vez vítima de discriminação nas mídias sociais (instagram, facebook e principalmente no twitter). Resultado que levou o Partido dos Trabalhadores - PT – representado por Fernando Haddad ao segundo turno. Sendo o único a não eleger o candidato Jair Messias Bolsonaro, representante do Partido Social Liberal - PSL.

No Nordeste o candidato à presidência pelo PT ficou em primeiro lugar, ganhando em oito (08) dos nove (09) estados do Nordeste, perdendo apenas no Ceará, o qual elegeu o Candidato Ciro Gomes, representante do Partido Democrático trabalhista - PDT – deixando Bolsonaro em terceiro lugar na região do Nordeste.

Diante desse cenário eleitoral que levou ao segundo turno, os nordestinos tiveram que lidar, mais uma vez, com discriminação por parte da população de outras regiões, coisa que já tinha acontecido nas eleições anteriores com Dilma Rousseff, também candidata pelo PT.

Publicações como “No Nordeste o medo de perder o bolsa família é maior do que a vontade de arrumar um emprego”, ou “[@jaibolsonaro](#) se ganhar, corta a água (que já é pouca) e corta o bolsa família do Nordeste, corta essa porra do mapa e deixa ser um lugar independente para o comunismo ficar lá, pelo amor de Deus”, foram algumas das muitas postagens usadas para ofender os nordestinos.

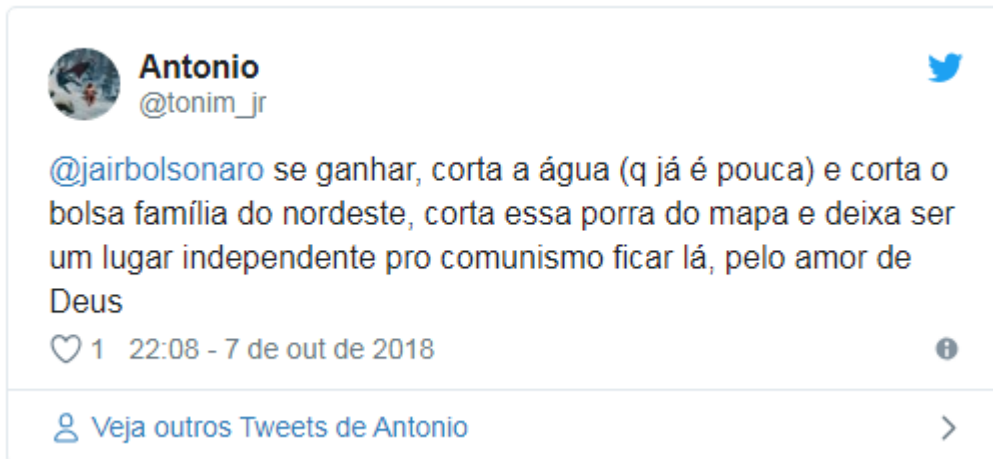


Imagem: Jornal estadão

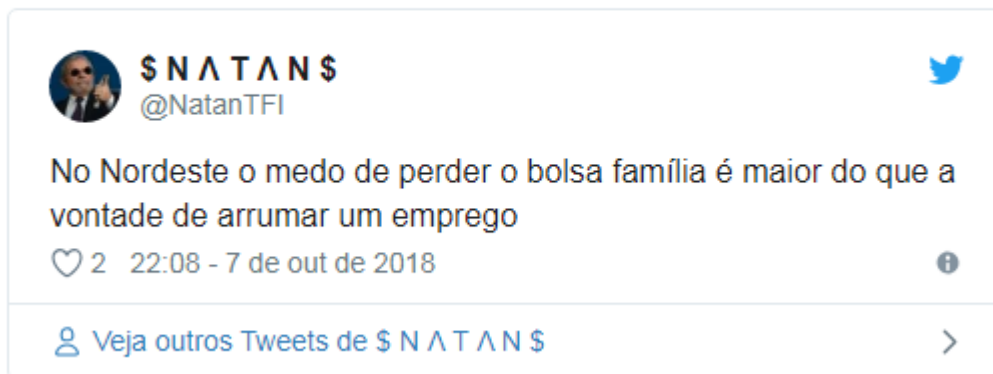


Imagem: Jornal Estadão

Reportagem 2

Discriminação regionalizada

O olhar de quem vive no bairro do Salgado e sofre a rotulação imposta pela sociedade

Tem se falado muito em preconceito: em combate ao preconceito. Seja ele relacionado à raça/etnia, ou orientação sexual, ou religião. Estes, os mais visíveis, ao menos em nossa sociedade. Mas, não se pode esquecer do preconceito geográfico/regional, responsável pela discriminação a partir do lugar de origem. Alguém é discriminado, simplesmente, pelo fato de se originar ou ser morador de uma determinada localidade, um determinado país, cidade ou bairro; locais considerados periféricos.

O Bairro do Salgado, localizado em Caruaru, agreste pernambucano, é considerado o maior bairro daquele município, com mais de 50 (cinquenta) mil habitantes, segundo o último censo, bem como um bairro periférico, expressão usada para designar um espaço de carência social, marginalidade, violência e segregação.

Brendo Valentim, vendedor e morador do bairro há oito anos, diz que o preconceito surge exatamente daquilo que é pré-concebido, sem se ter o conhecimento da realidade, “porque é claro que você vai ouvir todo dia alguma coisa sobre o Salgado devido a seu tamanho”.

Em outro momento, Valentim destaca que o morador do Bairro do Salgado é visto como uma pessoa que mora na favela, e diz também que antes de vir morar no bairro, achava a mesma coisa, porque os próprios moradores reforçam essa ideia.

Quando perguntado se já havia sofrido discriminação pelo fato de ser um morador do bairro, a resposta de Valentim é imediata: “sim. Já aconteceu de eu convidar uma pessoa para ir a minha casa e ela me dizer que não ia, porque não iria a uma favela”.

Ele já morou em outros bairros da cidade, como o Centenário, João Mota, Divinópolis, Cidade Jardim, e destaca que em alguns bairros a questão do preconceito é ainda mais forte: “no Centenário, talvez até fosse mais profunda, essa questão de preconceito, porque além de ser um bairro perigoso, era um morro.

Então, você dizer que morava no Centenário, você já era considerado perigoso também”.

A Administradora, Diane, 24, acredita que o passado possa ter contribuído para a imagem atual do bairro, por ter sido iniciado por pessoas mais pobres, consideradas de classe social mais baixa, e que, sendo assim, ele está apenas continuando com a sua imagem. Contudo, ela gosta de morar ali, mesmo o bairro tendo essa imagem negativa, pelo fato de ser perto de tudo que ela precisa: “eu amo morar aqui, particularmente, porque é perto de tudo, academia, farmácia, supermercado. É praticamente uma cidade, tudo fica próximo. Em outros bairros que visitei, não existe essa facilidade que o Salgado proporciona. No Salgado, eu tenho tudo perto de mim”, destaca.

Diane relata que já foi vítima de preconceito, inclusive, por parte de pessoas que já foram moradoras do bairro. Tal ato foi expresso por meio de frases claramente preconceituosas, como: “a munição do Salgado”. Isso a fez refletir e chegar à conclusão que o preconceito é alimentado pelo próprio morador do bairro.

Ela concorda que o Bairro do Salgado é um dos mais violentos, resultado, acredita ela, do seu tamanho: “sim. Pelo fato dele ser um bairro muito grande, conseqüentemente, vai ter mais violência. Isso é inevitável. Quanto maior o lugar, mais violento”, afirma.

Joicy Eleyne, moradora do bairro há três anos, afirma que a escolha pelo Salgado se deu pelo fato de ser um lugar receptivo, próximo dos principais pontos da cidade, estilo de vida interiorano e uma estrutura comercial interessante.

Apesar de não ter morado em outros bairros da cidade ela sente diferença em relação a maneira como vivem as pessoas moradoras do Salgado e as não moradoras, quando visita amigos de outros bairros: “percebo a diferença no estilo de vida, quando visito amigos principalmente em bairros com condomínios maiores, casas de pessoas com poder aquisitivo maior. As pessoas raramente lidam entre si, além de seus apartamentos; não caminham pelas ruas e mal conhecem seus vizinhos”, relata ela.

Quando perguntado qual a sua opinião em relação a como é visto o morador do Salgado, diante do restante da população, Eleyne afirma acreditar que o

Caruaruense é muito guiado pela mídia, que o leva a acreditar que o Salgado é um espaço de vulnerabilidade e problemas sociais, maior do que realmente o é. “O caruaruense, acredito que muito guiado também pelos noticiários, delinea a imagem do Bairro do Salgado tal qual uma comunidade a margem. O Salgado apesar de seu grande desenvolvimento, ainda é visto como área de vulnerabilidade e problemas sociais”, diz Eleyne.

Em relação à violência, a moradora afirma nunca ter tido problemas com tal questão nos ambientes que frequenta, sentindo-se sempre segura. Mas também relata ter sofrido discriminação pelo fato de ser moradora daquele bairro: “sim, geralmente com piadas. Eu sempre fui muito bairrista e o fato de estudar a cultura periférica, me aproxima [sic] de símbolos como o Salgado de maneira pessoal, por isso sempre defendi e busquei experiências enriquecedoras dentro do bairro...”.

A moradora acredita que o que também possa contribuir para a imagem negativa do bairro, é por fazer parte de uma cultura televisiva de exposição (negativa) e a criação de bordões como “isso deve ter sido alguém do Salgado”, agregando os casos de violência aos moradores do bairro. Que acabam sendo frases preconceituosas, e que já foi algo de discriminação para Andreza Tavares, vendedora e moradora do bairro há mais de 20 (vinte) anos. “Na faculdade nunca precisou dizer. O pessoal, sempre que acontecia alguma coisa (negativa), falava: Isso foi bem do bairro do Salgado”, conta ela.

Na infância, Andreza também sofria discriminação por ser moradora do bairro: “no ensino médio, quando precisava fazer algum trabalho, minhas amigas eram proibidas pelos pais de irem na minha casa, por ser um bairro perigoso”. Ela acredita que o bairro possa ser um dos mais violentos da cidade, justamente pela expansão, pelo seu tamanho.

Ela diz que antes se preocupava quando passava por situações como essas, por situações preconceituosas, mas que hoje já não se importa mais: “antes, eu me preocupava mais, cheguei até a pedir a meus pais para nos mudarmos do bairro. Mas hoje em dia é tranquilo porque, por mais incrível que pareça, tem muitos assaltos por aqui, mas eu nunca fui assaltada. Não tenho limitações para andar no bairro, ando por todos os lugares. Para mim é um bairro normal”.

Doutora em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, a professora universitária e advogada Paula Rocha destaca que a construção do estigma não se dá apenas pelo olhar, mas sim por suas diversas composições: “na verdade não é só um olhar, mas como se dão as diversas composições desse olhar, então são composições que advém da mídia, são composição que advém de conversas que vão crescendo, são composições que advém também dos discursos da elite”, afirma ela.

O estigma criado sobre o morador de um lugar considerado periférico acaba atrapalhando até na hora de se posicionar no mercado de trabalho, como destaca Paula Rocha: “existem algumas empresas, por exemplo, que não contratam pessoas de determinados bairros, pelo simples fato dessas pessoas serem de determinados bairros; pessoas de bairros periféricos. Por exemplo: quando a gente avança no processo de favelização de determinadas cidades, (as empresas) não contratam pessoas que residem na favela, porque essas pessoas foram construídas a partir do estereótipo do bandido, ou da pessoa com menores condições competitivas dentro do mercado de trabalho, pelo simples fato de ser/advir de determinado bairro”.

O Bairro do Salgado é considerado por muitos como sendo um dos bairros mais perigosos da cidade, diante dessa informação, a professora esclarece o conceito de violência: “violência pode ser tratada através de diversas perspectivas. Por exemplo, posso trabalhar com violência política, a partir de Hannah Arendt, e aí todas aquelas discussões entre opressores e oprimidos, e o desejo de oprimidos de oprimirem; eu posso partir de uma perspectiva simbólica, que tem aí uma relação de diálogo muito íntimo com essa sociedade do consumo. A violência patrimonial é o ápice muitas vezes da demonstração de que nessa sociedade de consumo, a partir do momento que a gente sai da sociedade do ser para a sociedade do ter e chega na sociedade do parecer, a sociedade do espetáculo, então, a demanda por objetos de consumo cresce sobremaneira, esse é outro conceito de violência”, destaca.

Paula Rocha defende que o que faz um bairro ser violento não é apenas o quantitativo de crimes. A natureza do crime também diz muito a respeito disso. Exemplifica trazendo uma comparação entre os bairros Maurício de Nassau e o do Salgado, ambos em Caruaru: “a gente tem uma tendência, no campo da segurança pública, a trabalhar com dados, com números, como se eles revelassem uma verdade. Isso também é um processo de estigmatização. Quando a gente olha aqui

para Caruaru, o Maurício de Nassau e o Salgado são dois bairros que vivem muito próximos, inclusive tem um momento que a gente não sabe onde é o Maurício de Nassau e onde é o Salgado. Só que o Maurício de Nassau é bairro de ‘ricos’, e o Salgado, historicamente, é um bairro de pessoas com menor poder aquisitivo”, e complementa, “em bairros em que ocorrem um quantitativo maior de homicídios, eles tendem a ser muito mais expostos na mídia como bairros perigosos. Esse é um outro processo de estigmatização. Ninguém toca no Maurício de Nassau, por exemplo, na mídia, como se fosse um bairro perigoso, mas todo mundo toca no Salgado. E, no final das contas, você está muito mais exposto à violência no Maurício de Nassau, do que no próprio Salgado”, conclui ela.

Explicando o que seria um bairro periférico, temos como um dos fatores, a urbanização, o crescimento das cidades, que é a “expulsão” dessa população para a periferia. “A gente observa hoje a locação dessas pessoas em conjuntos habitacionais que não dão a menor possibilidade de uma volta para a centralidade, para trabalhar, para desenvolver suas atividades econômicas, para estudar. O processo de periferização das cidades é a locação desses indivíduos que não são desejados na centralidade”, diz Rocha.

Para finalizar, Paula Rocha destaca a contribuição da mídia nesse processo de discriminação a partir do lugar de origem: “a imprensa tem uma contribuição muito forte em todo esse processo porque o tempo todo a imprensa coloca na cabeça das pessoas que o Salgado é bairro de pobre, que o Salgado é bairro de gente violenta, que o Salgado é bairro de gente preguiçosa, e que o Salgado por essa razão é um local que não se deve transitar”, afirma.

Nota-se que os moradores do Bairro do Salgado sofrem discriminação, preconceito, pelo simples fato de serem moradores do bairro, e que tal ato acarreta uma série de consequências para a vida do morador, como no seu posicionamento do mercado de trabalho, ou as relações com as pessoas.

A periferia é um fruto da urbanização, a maneira como a cidade sofre o processo de urbanização, vai fazendo com que mais pessoas sejam realocadas para outros locais, que são os considerados periféricos. Mas mesmo diante de situações como são colocados os moradores do bairro, eles gostam de morar lá, pelo que o bairro os proporciona, tanto financeiramente, tendo em vista que é um bairro onde as maiorias

das pessoas que moram lá, também trabalham lá, ou pela comodidade, sendo este um local onde tudo fica próximo.

REPORTAGEM 3

Outras vertentes da discriminação

Migrantes relatam as dificuldades encontradas por deixarem seu país de origem em busca de melhores condições

A imigração é um fenômeno bem presente em todos os lugares e constante na história da humanidade, podendo ser agravado muitas vezes por situações de guerra, desastres ambientais, situações políticas, falta de oportunidades ou simplesmente pelo fato de querer conhecer algo novo, conhecer uma cultura nova, como é o caso do Senegalês, Mustafa Serigne, comerciante, 34, que está no Brasil há dois anos e cinco meses, “ Eu gosto de conhecer países diferentes, gosto de conhecer culturas diferentes, tinha um amigo meu que morava aqui e me convidou para conhecer o Brasil. Antes daqui já andei em outros países, já fui em mais de dezessete países”, declara.

Como exemplo desse fluxo migratório podemos citar a grande migração do Oriente Médio para a Europa, com refugiados de diversos países, que migram em busca de melhores condições de vida. Foi o que aconteceu com Diogo Thiam, Senegalês, comerciante, 35. “Eu saio de lá (Senegal) e vim para cá (Brasil) por causa de emprego; lá é um país pequeno; Brasil é um país grande”, afirma ele.

Mustafa relata que nunca sofreu discriminação pelo fato de ser um migrante, mas que as pessoas o veem de maneira diferente por também seguir a religião muçumana: “graças a Deus nunca sofri discriminação por ser migrante. Ainda não. As vezes as pessoas me veem com roupas muçumanas e ficam me olhando. Alguns não entendem. Aí chegam e ficam mexendo. Eu não me sinto bem; me incomoda”, diz Mustafá.

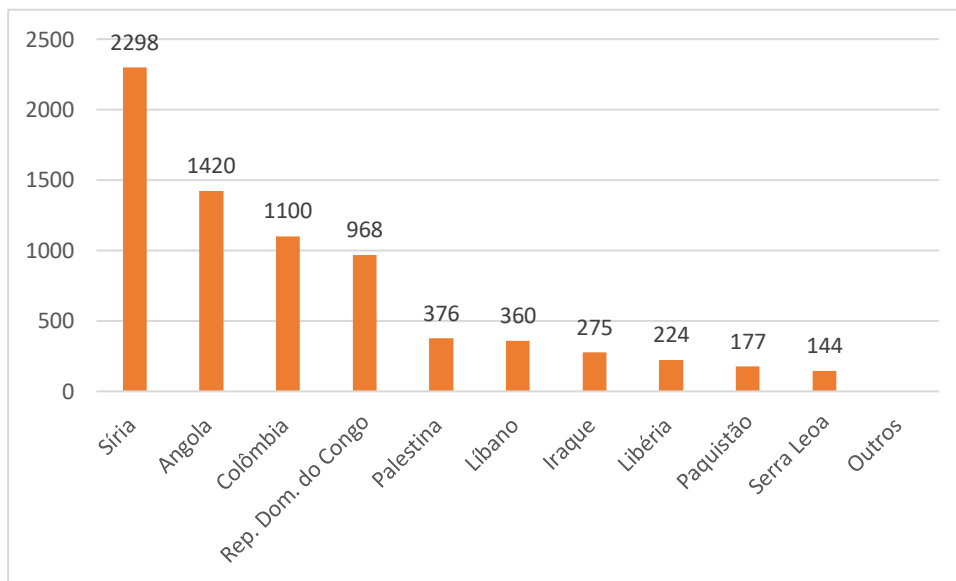
Quando perguntado como ele reage diante de situações como essa, Mustafa diz que tenta explicar as pessoas o porquê das vestimentas e como é realmente a religião muçumana: “Sempre, até porque alguns amigos brasileiros entraram na religião muçumana através de mim. Porque o pessoal aqui não conhece, tem que explicar para ver se entendem”.

- **Refúgio em dados**

Segundos dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE - no relatório “Refúgio em Números”, o Brasil identificou, até o final de 2017, uma soma de 10.145 refugiados das mais variadas nacionalidades. Desses, 5.134 continuam com o registro ativo no país. São Paulo é o estado que mais abriga esses refugiados, com 52% da população.

Em outro gráfico, com dados de 2010 a 2015, os Sírios representam 2,298 dessa população, os Angolanos totalizam 1,420 e os Colombianos são em 1,100, representando as três maiores populações no índice de refugiados reconhecidos no Brasil, seguidos da Republica Dominicana Congo, Palestina, Líbano, Iraque, Libéria Paquistão e Serra Leoa. Como mostra o gráfico abaixo:

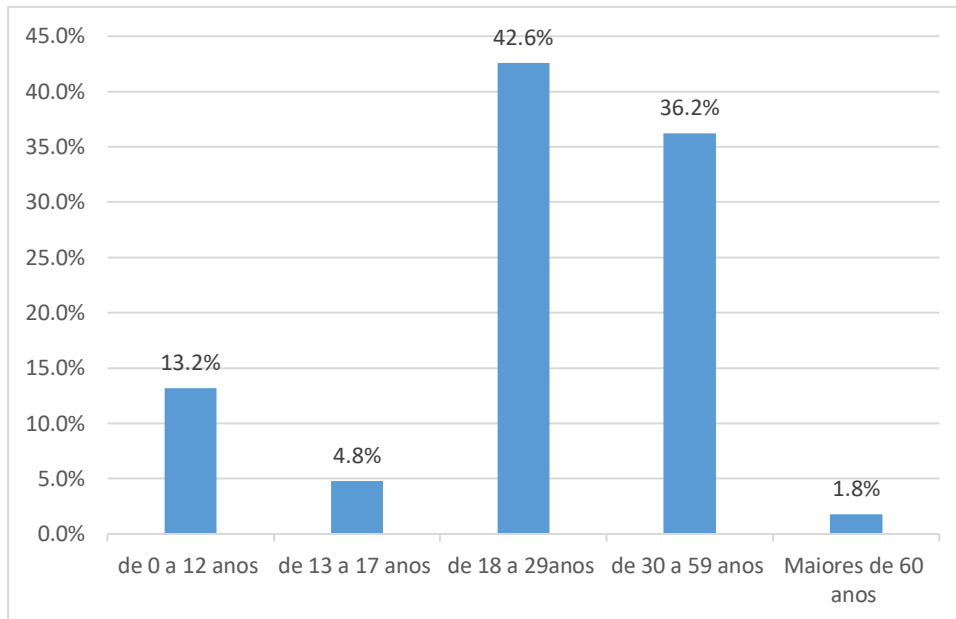
Refugiados reconhecidos no Brasil: por país de origem



Fonte: Ministério da Justiça/Comitê Nacional para os Refugiados – (2010-2015)

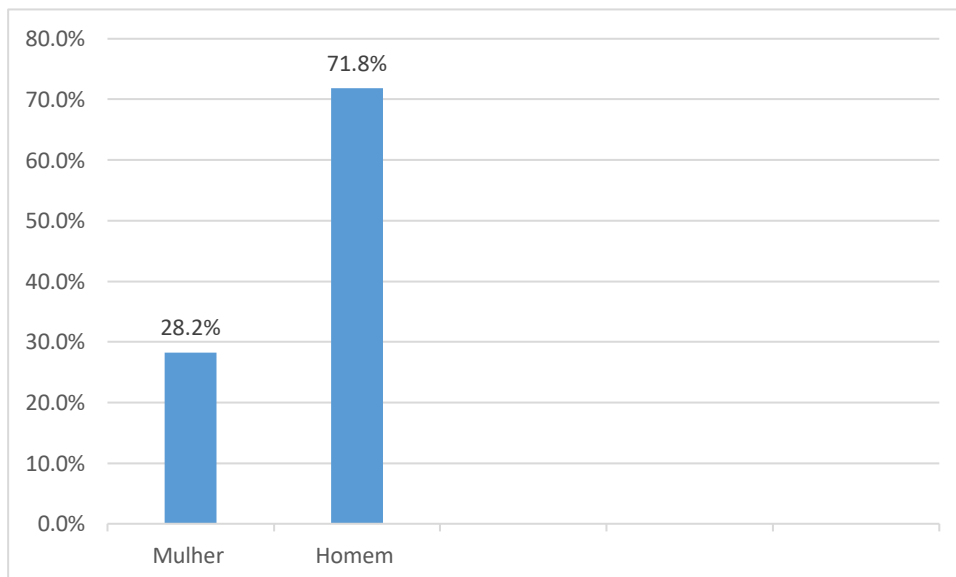
Em outro gráfico foi traçado o perfil dos refugiados no Brasil dos anos de 2010 a 2015. Nele, percebe-se que a maioria dos refugiados tem entre 18 e 29 anos, com o percentual de 42,6%, e com um percentual de 71,8% os homens representam a maioria dos refugiados. Como mostram os gráficos abaixo:

Perfil dos Refugiados



Fonte: Ministério da Justiça/Comitê Nacional para os Refugiados – (2010-2015)

Refugiados por Sexo



Fonte: Ministério da Justiça/Comitê Nacional para os Refugiados – (2010-2015)

Segundo o site do Governo do Estado de Pernambuco, o estado também tem um elevado número de migrantes. Portugueses, Italianos, Espanhóis, Árabes, Judeus, japoneses, alemães, holandeses e ingleses.

Em um índice de eficiência migratória no Brasil, de 2009, o Estado de Pernambuco está em 17º posição, ficando atrás de Espírito Santo, Goiás, Santa Catarina, Acre, Ceará, entre outros.

Por Opção

Algumas pessoas migram como forma de fugir de guerras, miséria, desastres ou para conseguir melhores condições de vida.

Outros, migram, simplesmente, por opção como é o caso do português Vasco Lopes, 42, profissional de computação, que está no Brasil há seis anos e que já tinha vindo ao Brasil outras vezes, antes de se mudar definitivamente em 2012 por questões familiares: “eu vim por questões familiares, eu tenho três filhos e em 2012 tinha acabado de ter o terceiro, eu vivia na capital, minha esposa é brasileira, mora aqui em Caruaru. Como aqui tinha também minha família, tinha casa. Foi uma questão de escolha familiar, para ter uma vida menos agitada, não fui uma busca de melhores de condições, de forma explícita, mas acabou por ser no sentido familiar, diz ele.

Quando questionado sobre se sentir acolhido ou não aqui em Caruaru, a resposta é imediata: “eu me sinto muito acolhido aqui, eu não sinto nenhum preconceito por ser estrangeiro, e quando passo por preconceito é um ‘preconceito positivo’, não sei se é por vir da Europa, ou por falar a mesma língua, mas eu me sinto até na maioria das vezes, ‘positivamente discriminado’” e explica “é que eu sinto que sempre esperam mais qualquer coisa de mim, porque eu vim de fora. As pessoas dizem você deve saber de coisas que a gente não sabe, ter visto coisas que a gente não viu, é neste sentido, explica ele.

Vasco ainda relata que não demorou muito a se adaptar ao novo país pelo fato de já tê-lo conhecido antes como turista: “não, eu já tinha vindo aqui várias vezes antes de

vir morar. Eu estive no Brasil em 2001 pela primeira vez. Em 2012 vim para ficar, mas já tinha o conhecimento, já conhecia algumas pessoas. Não foi uma coisa totalmente desconhecida”, afirma.

“Eu vim para cá com um motivo muito concreto, eu não sou o migrante comum que se viu em uma situação de aperto e precisou escolher uma saída e escolheu um país por várias circunstâncias, no qual depositava alguma esperança, eu vim por um motivo que não tinha nada a ver com trabalho e já sabia mais ou menos o que era, não foi uma mudança clássica, mas não deixa de ser uma história de migração”, diz ele quando perguntado se escolheria o Brasil novamente.

Javier Maldonado, professor e pesquisador, que está no Brasil a trabalho a três meses, sendo migrante também na Itália, onde mora a um ano: “eu deixei a Colômbia porque queria ir a outros lugares para estudar. A primeira viagem que eu fiz para morar fora foi aos Estados Unidos, na cidade de Washington, voltei, depois fui a Florência, onde moro atualmente, e agora estou aqui no Brasil”, declara.

Quando perguntado se o professor já havia sido discriminado pelo fato de ser migrante, ele responde que não, e que as pessoas do Brasil são muito tranquilas em relação a isso, o que é bem diferente da Itália, país onde mora atualmente, “Na Itália, se você é migrante, eles ficam meio receosos, não querem falar com você, fazer amizade. Aqui (no Brasil), as pessoas são mais tranquilas”.

O pesquisador também destaca que há diferenças em relação a como é tratado o migrante em diferentes lugares: “é muito diferente em cada país, depende com quais pessoas estão falando. Por exemplo, estou aqui (no Brasil) com uma pessoa Latina. É mais calma a reação/relação. Mas, nos Estados Unidos, por exemplo, se eu me relaciono com pessoas que são americanas, tem uma diferença; não se sentem à vontade. Isso depende muito do país. Nos Estados Unidos tem uma distância muito mais forte das pessoas. Na Itália, temos um pouco menos que nos Estados Unidos”.

Para o professor (volta com o nome. Já faz tempo que que você usou), o fato do Brasil e Colômbia serem bem próximos, (ambos na América do Sul) e fronteiros, as pessoas o recebem de forma mais acolhedora; querendo saber mais sobre a sua vida. Outro aspecto destacado por ele é a cor da sua pele, que por ser branca, pode facilitar a sua convivência em outro país: “ eu acho primeiro que, como a minha pele é branca, não é muito difícil no país onde estou!

Na maioria das vezes, quando fala-se ou pensa-se sobre as pessoas migrantes, como aquele como aquele que foge de algo (negativo), sendo sempre aquele que está em busca de melhores condições. Mas nem sempre as pessoas migram por necessidade, seja qual for. Mas por vontade de conhecer o novo, ou por questões pessoais, ou simplesmente por querer conhecer novas culturas.

Para entendermos mais sobre a questão dos migrantes, que carregam consigo outras questões, como por exemplo os refugiados, que são pessoas que solicitam às autoridades competentes o reconhecimento como refugiado, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados pelos Sistemas Nacionais de Proteção e Refúgio, os solicitantes de abrigo, os imigrantes e outras questões que permeiam o assunto, abaixo, segue a entrevista com a Prof. Mariana Nóbrega, Mestre em Relações Internacionais, Especialista em Direito Ambiental, Bacharel em Relações Internacionais, e atualmente participa do Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Deslocados Ambientais.

1. Qual a diferença de imigrantes e migrantes?

Enquanto o primeiro ocorre principalmente pela vontade livre, e por razões de conveniência pessoal, tanto para sair quanto para entrar em um lugar; o último termo se dá quando a pessoa tem que se deslocar - e aqui destacamos a pessoa deslocada, como aquela que “[...] com frequência, [é] forçada a fugir devido a conflitos internos ou a desastres ambientais, naturais ou provocados pelo Homem”, segundo o Glossário da OIM (2009, p. 54) -, com intuito de permanecer ao menos um longo período, quando não, permanecer em definitivo.

2. Quais os motivos que levam as pessoas a migrarem?

As pessoas migram para melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades, e as das suas famílias.

Mas temos muitas outras motivações para as migrações, dentre elas, duas destacantes nos tempos atuais, a saber, os deslocados internos e externos ambientais, também chamado, por alguns estudiosos, como Carolina Claro, de refugiados ambientais. No entanto, essa categoria não é reconhecida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR). E também por isso, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Deslocamentos Ambientais da Universidade Estadual (UEPB) prefere a denominação deslocados ambientais. Estes migram forçosamente por perturbações ambientais variadas, como desastres que vão desde terremotos, grandes tempestades, com deslizamentos de terras, furacões, maremotos, até escassez de água, e mesmo por causa de construções faraônicas desenvolvimentistas, como grandes barragens e hidroelétricas.

A outra categoria é justamente a dos refugiados, os reconhecidos de fato pelo ACNUR, no Artigo 1º, §2, de seu Estatuto, a saber, aqueles “Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos **antes de 1º de janeiro de 1951** e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em **consequência de tais acontecimentos**, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele por causas relacionadas a perseguição religiosa, por raça, e questões de guerra.”

3. Qual o impacto da migração para a economia local e global?

Em primeira instância, quando as migrações não são esperadas pelo local ou país de destino, pode-se registrar alguns impactos negativos para a economia de origem, posto que o lugar ou o Estado de onde emigra o indivíduo acaba por perdê-lo para o outro, a exemplo da migração permanente de pernambucanos para outro estado federativo, ou quando brasileiros têm que sair para outros países por diversas motivações, dentre elas, melhores condições financeiras, de estudo e de trabalho; também a perda de divisas, provocando menor produção de bens e serviços no local de origem. Além disso, o imigrante também tem que lidar, muitas vezes, com o outro que não o reconhece como parte do meio dele, tendo então que enfrentar comportamentos xenofóbicos.

Em segunda instância, os impactos são positivos como retorno pecuniário por parte desses migrantes, que enviam dinheiro para seus parentes, que ficaram no estado federativo ou no país de origem, influenciando na melhoria da economia local, da do destino, já que há um crescimento econômico, e da global; também o retorno desses migrantes, agora com maior conhecimento e experiência pela vivência em outras regiões, cidades ou países diferentes, fazendo com que a economia local/global ganhe em rendimentos.

4. Quantos migrantes há atualmente no Estado de Pernambuco?

Não há como precisar o número exato de migrantes no Estado de Pernambuco devido às várias motivações, nem sempre catalogadas, dos indivíduos. No entanto, pode-se dar alguns dados sobre migrações no Brasil – na região do

Nordeste, evidenciando a mesorregião de Pernambuco, com destaque para o Agreste pernambucano (área que meu projeto “Migrante no Agreste Pernambucano se foca no presente momento) – por meio do censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Mediante explicação, segue-se os dados do censo de 2000 do IBGE. Acerca dos **“Grupos de Anos em que [Estrangeiros] Fizeram Residência no País [Brasil]” - Região Nordeste**, tem-se: o registro de um total de **13.349 estrangeiros** até 1999; bem como, um total de **2.180 estrangeiros** de 1991 a 1995; e, um total de **3.614 estrangeiros** de 1996 a 2000. Logo, apresenta-se um total geral de estrangeiros, em todos esses anos, de **19.143 com residência no Brasil, na região nordeste**. Importante também ressaltar que, **entre os Naturalizados**, tem-se um total de **6.451**. Deste total, **5.282** eram naturalizados até 1990; **645** eram naturalizados de 1991 a 1995; e, **524** eram naturalizados de 1996 a 2000. Assim sendo, pode-se notar que, neste último período, o número de estrangeiros naturalizados na região do Nordeste foi menor que no período passado (1991-1995).

5. Existem os migrantes, refugiados, e solicitantes de abrigo, quais as diferenças?

Como já tratei dos migrantes e refugiados nas questões acima, vou me ater aos solicitantes de refúgio, que são pessoas que solicitam às autoridades competentes serem reconhecidas como refugiado, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio. No final de 2016, cerca de 2,8 milhões de solicitantes de refúgio aguardavam uma decisão que poderia mudar suas vidas.

6. De qual nacionalidade vêm o maior número de migrantes para Pernambuco? E porquê?

Essa questão varia por tempo e motivações. Mas, de modo geral, desde o tempo do descobrimento do Brasil, Recife recebeu portugueses, africanos, judeus, ingleses, holandeses, japoneses, entre outros. E mais recentemente, Recife e Igarassu vêm recebendo alguns grupos de venezuelanos.

Para exemplificar apenas um momento histórico e uma motivação de migrantes, tem-se o que a pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, Semira Adler Vainsencher observa já no início do século XIX, a saber, os ingleses chegaram ao Brasil, com destaque para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Eles desejavam oportunidades de fazer crescer sua indústria e comércio. Em meio a 200.000 habitantes recifenses, a colônia inglesa crescia por meio da presença de firmas, bancos e empresas concessionárias de serviços públicos

6. Tem algum órgão no Estado de Pernambuco responsável pelos migrantes? Qual (ais)? Qual seu papel?

Como o projeto começou há dois meses, até o momento só realizamos uma visita técnica, no dia 31/10, a uma organização que está lidando com a temática, a organização Caritas Ne2, em Recife. A mesma está trabalhando, via Programa PANA, com Migrantes e Refugiados da Venezuela. Esse Programa está lidando com venezuelanos que estão se interiorizando para Recife. Também pode-se citar a ONG Aldeias Infantis SOS (Organização humanitária global de Promoção ao Desenvolvimento), que está alojando venezuelanos na cidade de Igarassu. Para o recebimento de migrantes venezuelanos, em Recife, “a **Secretaria de Desenvolvimento Social, Infância e Juventude** vai dar suporte aos imigrantes, que chegam na situação de refugiados, para garantir a eles os direitos fundamentais como educação e saúde. A Polícia Federal também é um órgão que lida com o registro de migrantes.

7. Porque alguns países barram a entrada de migrantes?

A migração nem sempre foi vista como algo ruim pelos países. Há Estados, inclusive, que estimularam e ainda estimulam a entrada de migrantes pela qualidade da formação técnica e acadêmica-intelectual de muitos indivíduos. Temos o exemplo dos *Brain Drains* (Fuga de Cérebros) indianos que são atraídos e mesmo incentivados a entrarem nos EUA, por seus melhores níveis de educação.

No entanto, nos últimos anos, devido à intensidade de movimentos migratórios - por causas ambientais, sociais, econômicas e políticas negativas - tem-se aumentado exageradamente, e de modo desordenado as migrações, impelindo os migrantes a entrarem a todo custo nos vários Estados, sem as devidas tramitações necessárias,

que respeite a soberania dos Estados e as relações internacionais como um todo, a fim de haver um recebimento acolhedor e próspero.

8. A longo prazo quais são os impactos da migração como um todo?

A Longo prazo, e dentro de uma perspectiva positiva, pode-se perceber ganhos econômicos e crescimentos culturais, principalmente, se os imigrantes forem tidos como qualificados. No entanto, se não forem qualificados, muito provavelmente configurar-se-ão como mão de obra barata, em meio a subempregos para primeira sobrevivência, que pode até elevar o crescimento econômico do local de destino, porém, baseado na exploração dos mesmos. Também há outro impacto negativo, a xenofobia. Esse impacto ocorre pelo acolhimento indevido (discriminatório) dos migrantes, instigando ou gerando comportamentos xenofóbicos dos nativos.

9. Quais os pontos positivos e negativos de receber os migrantes?

Tratado anteriormente, os pontos negativos a serem relevados são os comportamentos xenofóbicos, posto que muitos não querem lidar com vários aspectos culturais, étnicos e religiosos diferenciados; disputa pelo já deficitário mercado de trabalho, uma vez que a maioria dos migrantes vêm em busca de emprego e melhores condições de vida.

E os pontos positivos perpassam pelas contribuições que os migrantes podem proporcionar, como o avanço econômico do local de destino, e também os conhecimentos adquiridos pelos migrantes e passados pelos mesmos aos nacionais, devido à diversidade migratória.